

# O novo paciente terminal

Caio Rosenthal e Mário Scheffer

Sem dúvida, "os modernos recursos e as mais potentes drogas" estão à disposição de muitos. Mas, as outras necessidades como teto, alimentação, emprego? E a orfandade, filha do parricídio e do matricídio provocado pela Aids? O novo "paciente terminal" está entre os filhos da "Aids dos pobres"

A Conferência Internacional sobre Aids, em Durban (África do Sul), chamou a atenção por mostrar um continente dizimado pela doença. Dois em cada três infectados pelo HIV no mundo vivem na África, o que fará diminuir, em breve, para 45 anos a expectativa de vida de sua população. É o abismo que separa a Aids dos pobres da Aids dos ricos.

O Brasil tem infinitamente menos doentes de Aids do que a África e dispõe de um programa de combate à epidemia considerado modelo por garantir acesso gratuito e universal ao tratamento. Mas, para alguns estratos da

população, o drama da Aids reproduz, em parte, a realidade africana. Durante a conferência, a imprensa exibiu imagens chocantes: centenas de homens, mulheres e crianças morrendo de Aids ao deus-dará. Eram pacientes terminais miseráveis, em processo de morte inevitável, sem condições de cura ou de sobrevivência.

Quem assiste pacientes de Aids no Brasil sabe que há muita gente no andar mais baixo da escala social para quem o drama da doença revela-se igualmente desesperador. Só que, ao contrário da África, temos à disposição os mais modernos recursos e as mais potentes drogas. Apesar disso, ainda vemos no Brasil a doença transformar pessoas em mortos-vivos à margem da cidadania. Ainda vivemos com o sentimento de impotência diante do desespero, do cansaço, da busca exasperante de alívio da dor, da degradação física, do sofrimento e da humilhação de pacientes que muitas vezes não têm mais condições de controlar minimamente suas funções vitais. Trata-se do novo paciente terminal de Aids, cujo prognóstico pouco depende do acesso a serviços de qualidade e tratamento de ponta. Ninguém sabe exatamente quantos são eles nas estimativas do governo, no universo de 90 mil doentes atendidos pela rede pública ou na projeção de 530 mil infectados pelo HIV. Não aparecem nos dados do Ministério da Saúde, que apenas apontam a baixa escolaridade

dos doentes, como indício da "pauperização" da epidemia.

Sabemos, no entanto, que os *novos pacientes terminais* com Aids aumentam a cada dia em um país que assiste ao recrudescimento da pobreza e da exclusão social. Muitos desses doentes nem sequer existem oficialmente, pois não têm registro de nascimento ou não são contabilizados pelos censos. Eles vêm da leva dos desempregados sem renda, sem comida e sem teto. São também adolescentes de rua, viciados em *crack*, usuários de drogas injetáveis. São crianças órfãs, que viram pai e mãe desaparecerem por causa da Aids. São milhares de presidiários ou ex-detentos, pois o HIV movimenta-se com facilidade para fora das grades. São cada vez mais mulheres oprimidas ou violentadas. Minorias discriminadas sujeitas a toda a forma de opressão e exploração.

O drama da Aids reproduz, nas camadas mais baixas do Brasil, a realidade da tragédia do continente africano. Em comum, além da vulnerabilidade à infecção pelo HIV, são pobres e miseráveis, cidadãos de segunda linha, que integram os pelo menos 45 milhões de brasileiros que sobrevivem em condições subumanas, para os quais a Aids é mera coadjuvante do destino imposto pela perversa lógica social. Geralmente são acolhidos por grupos e casas de apoio, que desenvolvem abnegado trabalho com doentes de Aids. Quando encaminhados a